CONTOS

DA

VILLA

Personagens

Sonoplastia – Leprevost
Luz – Rose

Narrador Inicio - Rose
Narrador Final - Leprevost

- **Coisas do Divino**
    - Nana – Livia
    - Polvilha – Eloisa
    - Claudete (Claudete) – Tata
    - Maria da Paz – Mariana
    - Padre – Claudio
    - Catarina (Filha maria da Paz) – Myllena

- **Banana pra Nois**
    - Chica – Mel
    - Zé – Alexandre
    - Rosinha – Marcela
    - Margarida – Emilly
    - Prefeito – Claudio
    - Capanga Prefeito – Felipe
    - Secretaria – Luciano
    - Mãe da Chica – Patricia

- **A “Istauta” da Santa**
    - Juvenal – Luciano
    - Perolina – Patricia
    - Aurora – Yasmim
    - Jurandira (Gregório) – Thayna
    - Tonhão – Felipe

CONTO 1 - COISAS DO DIVINO

Narrador 1 – Me descurpe o mar jeito
Assim disprivinido me pegá
Mai num resisto de vontade
De argumas coisas pro cês contá.

Narrador 2 – Quem é que num conhece
A vila da Santa Conceição
Seu moço! Por lá a coisa é braba
Di moê doído o coração

Narrador 1 – Pois da vila o que tenho pra contá
Além das belezura que encanta
Conceição tem de nome a santa...
Cês nem pode imaginá.

Narrador 2 – Parece inté qui o povo isqueceu
As briga de padri qui teve por lá,
O qui se assucedeu... Vichi!...
Mi arripeia só di lembra.

NANÁ – Valei-nos Nossa Senhora!

CORO – Mas o que foi?

NANÁ – Vocês não acreditam no padre que acabou de chegar.

CLAUDETE – Si vai tê padre, a festa do Divino vai tá completa.

NANÁ – Mas vocês não sabem o que eu sei...

CORO – O que?

NANÁ – ...Não ouviram o que eu ouvi...

CORO – O que?

Suspense

NANÁ – Não vai haver bênção para a festa.

CORO – O que?

CATARINA – Dona Naná tá ficano gagá!...

POLVILHA – Ondi já si viu? Festa du Divinu sem bênção do padre...

CATARINA – E o mastro do Divino?

CLAUDETE – Vamo erguê sem bênção?

NANÁ – Só Nossa Senhora pra nos salvar!...

POLVILHA – Vichi Nossa! Isso vai sê di amargá.

CLAUDETE – Mai nói já fumo até o Rio Acima buscá os pilão.

POLVILHA – E truxemo tudo di canoa.

MARIA DA PAZ – Já té acabei as banderola. Catarina, vem mi ajudá.

CATARINA – Aí! Tá veno? A mãe já 'té prontô as banderola...

CLAUDETE – Mais cumu num vai tê bênção?

NANÁ – Foi o que disse o padre.

CLAUDETE – E dona Naná não insistiu?

NANÁ – Ofereci até penitência!...

CLAUDETE – Mais só?

NANÁ – Varrer a igreja durante um mês...

CLAUDETE – Mais só?

NANÁ – Engomar as alfaias durante um ano.

CLAUDETE – Mais só?

CATARINA – *(Mostrando algo)* Óia só!... Minha mãe qui feis.

NANÁ – Do ano passado estava melhor.

MARIA DA PAZ – Só por que foi a sinhora qui foi a festera. E num gastô um tustão pra fazê aquilo tudo purque era da festa de quatro ano atrais.

NANÁ – É uma judiação fazer roupa nova, tudo novo, pra usar uma semana e depois nunca mais... Só reaproveitei a roupa!...

MARIA DA PAZ – Puis da Catarina vai sê tudo novinho!...

NANÁ – Roupa de quatro anos atrás já está benta. Traz mais sorte!...

POLVILHA – Sorte? Pois eu já num tive di í lá na sua casa, dona Naná, pra apartá a briga doc'es?

CATARINA – Mai ela batia nele qui ele nela...

CLAUDETE – Coitado do Meia-Sola.

NANÁ – Não chame meu marido de Meia-Sola!...

CLAUDETE – Mai ninguém conhece o Nanaco pur outro nomi!

NANÁ – E o nome dele também não é Nanaco. É ...

CORO – Mió Nanaco!...

MARIA DA PAZ – Ô homi qui tem tanto do nomi!...

CLAUDETE – Porvia! Segura direito esse negócio! Num fica andano pra lá e pra cá qui eu amarro errado!

POLVILHA – Num fais nada certo memo!...

CLAUDETE – Oia aqui Porvia! Eu desço daqui e te prego a mão na fuça. Fui eu qui ajudei fazê isso!

POLVILHA – Pur isso é qui tá essa porcaria! Tudo arreganhado!

CLAUDETE – Oia, Porvia, qui eu desço daqui!

CATARINA – Meu deus, quanta discussão.

MARIA DA PAZ – Ocês num mi dexa mai nervosa... Ai!... tô veno a hora dessa festa chegá e num tê um padre pra abençoá.

NANÁ – Preciso ter logo uma conversa com o bispo!...

MARIA DA PAZ – Num sei pra que. Ele vai dá penitência maior ainda!...

POLVILHA – Dona Naná, pur que a sinhora num vai levá uns biscoitinho pro novo padre?

NANÁ – Olha aqui, Polvilha! Deixe de gracinhas!...

POLVILHA – Ê... Mai num é costume da senhora agradá o padre quando ele chega?

CLAUDETE E POLVILHA – Sangue novo!...

MARIA DA PAZ – Dona Naná ainda num contô pur que é que tava tão espavorida... O padre é carcunda?

NANÁ – Pior!...

CATARINA – É perneta?

NANÁ – Antes fosse!...

CLAUDETE – É biroio?

NANÁ – Talvez fosse melhor!...

POLVILHA – É frosô?

NANÁ – Ele é estrangeiro.

Entra o padre.

PADRE – Bom juorno… Fabene vê la tuta comunitá no lavoro di casa, hã!

POLVILHA – Tamo trabaiano já fais dias...

NANÁ – Pro Divino Espírito Santo...

CATARINA – Excrusive eu, Padre.

CLAUDETE – Padre, a gente escuitô um dis-qui-dis que me parece, num sei si é fofoca, ô si é verdade, mai num quero nem pensá di sê verdade...

MARIA DA PAZ – Fala logo, Claudete!...
CLAUDETE – Si ocêis dexá, eu falo!... Nóis qué sabe si o padri vai dá ou não vai dá a bênção nas festa do Divino.

PADRE – Capice… Estamo analisando o caso cono bispato… Questa festa é una tradizione pagã.

CORO – Pagã?

CATARINA – Mais cumo pagã?

CLAUDETE – É memo, é uma festa cheia de pagão. Pagamo tudinho, até o cuis-cuis di arrois nóis já pago do borso.

POLVILHA – Fossi dona Naná a festera nóis num pricizava pagá nada.

MARIA DA PAZ – O sinhor num vai dá a bênção só pur que é festa de pobre?

NANÁ – Pois padre, aqui nesta terra já aconteceram coisas do arco da velha. Diz a tradição deste lugar, que um devoto não recusa a palavra de um padre...

CATARINA – Mais padre recusá bênção...

POLVILHA – Capais até de virá lubisomi.

PADRE – Fabene, la conversa fabene, io ja conoci mios poroquianos, estoi indo parlar cono bispato sobre la festa do divino, capice! Arrivederti! Em nome de padre, de filli…

NANÁ – Vá com Deus, padre! Recomendações nossas ao bispo!... Por mais um pouco, ele acreditaria nessa história de lobisomem.

POLVILHA – Vai dizê qui dona Naná num credita?

NANÁ – Nem um pouco.

MARIA DA PAZ – Cruis em credo, dona Naná!...

CATARINA – Me deu inté um arrepio.

CLAUDETE – A sinhora podi virá bicho!...

NANÁ – Esse padre está querendo brincar comigo!... Vou falar com o bispo. Afinal de contas, nós somos a Igreja...

CLAUDETE – Mai essa fia duma égua já té largô os barbante!...
POLVILHA – Fia duma égua é ocê! E tenho muita pena da finada sua mãe.

CLAUDETE – Óia, Porvia, qui eu te quebro os dente!

MARIA DA PAZ – Tão veno? Já começô a disgrama. Ai, meu Deus...

POLVILHA – Prezo muito dona Maria da Pais. Num fosse ela eu já tinha largado ocê sózinho. Parece muié grávida, reclamano di tudo! ... Óia, tá amarrano tudos contrário.

CLAUDETE – Num tá veno qui é ocê qui tá sigurano esse negócio torto?

POLVILHA – Ô cega! É do outro lado essas bandera.

CLAUDETE – É qui eu sô canhotera.

CATARINA – *(Assustado)* Ai, Jisuis!... Ai meu Jisuis!...

CLAUDETE – Porvia! Num mi sorta qui eu distrangulo ocê!...

POLVILHA – Dona Maria da Pais! A Banda!

CLAUDETE – A banda!

MARIA DA PAZ – A banda!...

CATARINA – A banda!

POLVILHA – Ninguém chamô inda a banda!...

MARIA DA PAZ – Aposto qui isso tudo é praga de dona Naná! Tá dano tudo errado! Cuitado dos meus fio vão passá o maior carão na festa!

POLVILHA – Festa sem banda num é festa!

CATARINA –Vamo chamá os violero do Rio Acima!

MARIA DA PAZ – Viraro tudo crente!

POLVILHA – Vamo falá cos vereador...

MARIA DA PAZ – Mai memo qui elis arrumi, e o dinhero pra pagá a banda?

CLAUDETE – Nóis cata da coleta do Divino!
POLVILHA – Mai ninguém deu nada!... E pro cê, Claudete?

CLAUDETE – Nadinha...

POLVILHA – Ô gente unha di fome! Na hora de pidi cuiscuis do Divino é uma fila que somi, mai na hora di ajudá, ói nóis sozinho!

MARIA DA PAZ – Mais tudo ano é assim. Dispois qui iscói o Imperador e Imperatriz, só sobra pros escravo. Justo esse ano qui a Catarina é um dos imperador... Num pudia acontecê isso; ô vida di pobre.

CLAUDETE – Mai num chora! Vai vê qui quando meno a sinhora isperá ta tudo entrano nos exo.

MARIA DA PAZ – Mai cumo é qui eu vô ispricá pro pessoar qui tudo arrevirado? E minha fia? Tá tudo isperano aquela festança...

CATARINA – *(Triste)* Era só o que fartava.

Passa Naná, não liga para o grupo. Passa o padre e sai.

POLVILHA – Num tenho nem coragi di priguntá nada...

MARIA DA PAZ – Dona Naná tá virada no satanais.

CLAUDETE – Deus me defenda!... Num fala isso!...

POLVILHA – Mais pur poco num piso num rabo ispinhudo...

CLAUDETE – Dona Maria da Pais, si num tivé padri pra bênção, eu já sei o qui vamo fazê!...

MARIA DA PAZ – Qui é qui vamo fazê, Claudete?

CLAUDETE – Vamu vistí a Porvia di padre!

POLVILHA – *(Rindo)* Vistí a Porvia di padre... *(Susto)* Vistí eu di padre?

CATARINA – Mai a Porvia num sabi nem rezá direito!

MARIA DA PAZ – E o povaréu? Num vai conhecê?

PADRE – *(Entrando)* Nom ti credo, nom é possibile!

POLVILHA – Mai claro que é padre!...
PADRE – Questa Naná é una pazza, vocês não imaginam o que ela foi parlare com o bispato.

POLVILHA – Qui o padre num qué dá a bênção?

PADRE – Nom che questo!

CLAUDETE – Qui o padre fala enrolado?

PADRE – Perche? Nom é finite del mondo!

MARIA DA PAZ – Já pegô mania de dona Naná.

PADRE – Questa Naná foi parlare que io mi incontro com una ragaça questa villa! Una amante!

CORO – Ah, bão!...

Decepcionam-se

MARIA DA PAZ – Mai i a bênção da festa, padre?

PADRE – Ah… Perla santissima, con esta discussione! Má que festa? Eco!

MARIA DA PAZ – Só purque é festa di pobre!... Fossi genti rica o bispo ia até fechá os óio.

CLAUDETE – Padre, num é bão arrumá pendenga quesse povo.

CATARINA – O sinhor num sabi du qui esse povo é capais!...

PADRE – Se questa signora já foi parlar que io me incontro com una ragaça, qualcuno o que dirá pertuto questo canto de la villa.

POLVILHA – Gosto nem di pensá!... O padre bem qui pudia rezá pra resorvê uns probreminha di dona Maria da Pais.

PADRE – Na hora do ângelus pedirela intercessão de Nossa Santíssima para dona Maria e pelos bambinos. Em nome de padre, de filli e do espirito santi. *(Saindo)*

CORO – Amém, nóis tudo!

CLAUDETE – Viu, dona Maria da Pais? Ele vai acabá concordano, vai dá tudo certo!...

MARIA DA PAZ – Mai e a banda?

POLVILHA – Inda tem a banda. E si nóis ficá cantano lá na noite da soca do arrois pra animá o pessoar?

Cantam

CLAUDETE – Nois ia isbudegá as goela...

MARIA DA PAZ – E num é a mema coisa. E na hora da prucissão das cinco da manhã?

CATARINA – E na hora da abertura da sala do Império?

NANÁ – *(Entrando)* Podem arrumar tudo que vai haver bênção na festa do Divino.

MARIA DA PAZ – Ô minha Nossa Sinhora! Brigado!

CATARINA – Aleluia!

POLVILHA – Será qui o padri já rezô?

CLAUDETE – O bispo concordô?

NANÁ – Não!

MARIA DA PAZ – O padre concordô?

NANÁ – Não.

POLVILHA – Eu num vô mi vistí di padre!...

NANÁ – O padre vai dar a bênção, nem que eu tenha que arrastá-lo até a festa na hora da bênção.

POLVILHA – Dona Naná… A sinhora tem coragi... di arrastá o padri?

NANÁ – Tirá-lo da casa paroquial, caso seja preciso!

POLVILHA – Vai vim trebuzana!...

CLAUDETE – E vai saí faísca pra tudo que é lado!...

MARIA DA PAZ – Dona Naná, dexa passá primero a festa, dispoi a sinhora briga co padre.

NANÁ – Mas se eu não brigar com o padre, não vai haver festa do Divino esse ano, dona Maria da Paz!...

MARIA DA PAZ – Vigi Nossa!...

NANÁ – E eu não estou sozinha. Já convidei a Villa toda pra me ajudar a pôr o padre na festa e abençoar tudo o que temos direito.

MARIA DA PAZ – A sala da Casa do Império?

NANÁ – Também.

CATARINA – A charola do Divino?

NANÁ – Também vai!...

CLAUDETE – Já mi bateu outra veis aquela coisa di qui num vamo tê festa ninhuma!...

POLVILHA – Mai dicerto qui vai!... Nem qui eu tenha di í na dona Rosa macumbera e jogá um feitiço nesse padri.

CLAUDETE – Mai pegá o homi à força...

MARIA DA PAZ – Deus mi livre i guardi... Isso é obra do demo.

NANÁ – Obra de dona Naná. Quem ele pensa que é?

POLVILHA – Dona Naná ajudava mai si fosse atrais da banda pra tocá.

NANÁ – A banda já está acertada, Polvilha. Os camaristas vão pagar tudinho.

MARIA DA PAZ – Louvado seja! Mil bênção pro Divino! Brigado, minha Nossa Sinhora...

Entra o padre o padre resmungando e cala a festança.

PADRE – Caspita! A signora será excomungata pela santa madre igreja.

NANÁ – Se o padre estiver falando comigo... eu tenho um nome.

PADRE – La signora tiene una língua affiata.

NANÁ – E o senhor é um seminarista incompetente.

PADRE – Dio me assiste prá questo lavoro!

NANÁ – Todo o serviço é feito pela comunidade... Enquanto o senhor passa o dia inteiro fazendo o que?

PADRE – Presto conta de mios años solamente a dio.

NANÁ – Só pode estar fazendo coisas que um padre não faz.

PADRE – Io sono fideli per mios votos.

NANÁ – Mas a coleta das missas vão todo os dias para sua casa. Ninguém nunca sabe quanto deu!...

PADRE – Malhe! A signora esta al ponto di insinuare que sou uno ladro? Dio Mio!

NANÁ – É só mais um dos que já levaram coroa, ostensórios, imagens...

PADRE – Isto é una infamia, una calunia!

NANA – A obrigação do padre é perdoar sempre.

PADRE – Mas isto é uno absurdo! Profana!

NANÁ – Pecador!

PADRE – Maledetta! Satana!

NANÁ – Urubu!

PADRE – Farabuta de un cane!

NANÁ – Filho...

POLVILHA – Isso não, dona Naná!...

CATARINA – Que coisa feia.

Grundam-se aos sopapos. Os outros tentam inutilmente impedir. Naná grita e quando se volta te um rosto de animal. Sai gritando para espanto de todos.

CLAUDETE – Santa Bárba!

POLVILHA – Santo Expedito!

MARIA DA PAZ – São Gerômo é mai forte!

POLVILHA – Num é qui dona Naná virô bicho?

CLAUDETE – É mai uma históra pra genti contá quando us turista chegá.

POLVILHA – Pelumeno elis acridita ni nóis.

MARIA DA PAZ – Com tudu isso tô veno memo que num vai tê bênção na festa.

Padre continua caído.

CATARINA – Mai pur quê?

MARIA DA PAZ – O padri tá estatelado.

CLAUDETE – Padre!...

POLVILHA – Levanta pelo amor di Deus!...

PADRE – *(Zonzo)* Onde Estou?

MARIA DA PAZ – Levanta padre! Um homi da lei di Deus num fica nunca nu chão!...

PADRE – Chê posto qüi? Una piazza? Una villa? Que giorno é oggi?

POLVILHA – Num tá veno qui é a praça da Villa, padre?

CLAUDETE – Sera que esse padre fico cum mainézia?

MARIA DA PAZ – Coitado... Tá atorduado!...

CORO – Padre!...

PADRE – Eco! Io sono um padre?

CATARINA – E o sinhor tava ajudano a genti a prepará a festa do Divino...

PADRE – Se una festa é divina é de dio. E tiene danza?

POLVILHA – Tem fandango a noiti toda!...
PADRE – Magnífico! Io soi uno bello danzatore.

MARIA DA PAZ – Mai só qui o padre queria arrumá uma bênção mai forte pra festa da Catarina.

PADRE – Di oggi em diante io me voi aora benzer tuta la villa. *(Cantando)* Em nome de padre de filli e…

MARIA DA PAZ – Mai o padri falô qui vai dá a bênção?

POLVILHA E CLAUDETE – Pois vamo imbora!...

MARIA DA PAZ – Mai agora?

CATARINA – A festa só começa amanhã!...

CLAUDETE E POLVILHA – Vamo imbora!...

MARIA DA PAZ – Viji! Vai tê bênção até dá com o pau!...

POLVILHA – É disso memo qui nóis priciza.

MARIA DA PAZ – Vai sê um festão!...

POLVILHA E CLAUDETE – Ê trem bão!...

CONTO 2 - BANANA PRA NOIS

CHICA – Ô véio!... Vê si me ajuda um poco. Praga! Num sei purque viemo pra cá, pra cidade. Ô terra de Conceição! Concebe banana, concebe caranguejo, dinhero qué bão eu num vejo!...

ZÉ – Ô véia! Inda num tá pronta essa janta?

CHICA – Vai à merda, Zé! Tá pensano que sô sua iscrava? Dei di qui nóis cheguemo aqui na vila, nóis num tem mai hora pra nada. Nem pra bem-bão, i si quisé, eu é qui tenho di lambê sabão!

ZÉ – Ó i, muié! Tá dizeno qui já tô frocho?

CHICA – Deve di sê pur causa da banana.

ZÉ – I u qui é qui banana tem a vê cum frocho?

CHICA – É di tanta banana que ocê levô nas costa, Zé!
ZÉ – Ê Chica! Ocê tem cada idéia... Mai bem qui si nóis tivesse lá nu sítio...

CHICA – Curpa do cê memo. Afinô pro Coroné!...

ZÉ – Mai muié é bichu besta memo! Os homi lá di Sun Paulo dissero que vão fazê um lotiamento.

CHICA – I u qui qui é issu?

ZÉ – Tamém num sei. Mai tamém nois fumo pegá justo aquele pedacinho de terra que tava bem no meio das terra do homi!...

CHICA – Mai ocê é burro memo! Êta bicho burro que é homi!... Era as terras do tar Coroné que tava im vorta di nóis! Nóis cheguemo primero.

ZÉ – E ocê parece qui num si lembra du cumpadi Jorge qui teve seu barraco incendiado?

CHICA – Ara, cruis credo! E pior que além de cumpadi Jorge, teve os outro caiçara que pinicaro pras banda de Itariri.

ZÉ – Será que vamo tê de fazê o memo?

CHICA – Si essa cidade num miorá, num sei não... Cumu é que vamo sustentá as fia?

ZÉ – Ai, Chica! Num mi fale nas fia que mi dá inté repio!

CHICA – É... Mai na hora de fazê a gente gosta do arrepio**.**

ZÉ – Num fosse essa crise da banana, a gente bem pudia te mai uns doi ou treis.

CHICA – Bem que pudia pro cê. Num é o homi que senti dor... E fica ca perna arreganhada fazeno força.

ZÉ – Mai que mar fiz eu a Deus... Muié, ocê tamém só si lamenta.

CHICA – Lamento sim, Zé. Lamento as terra que nois deixemo cum tanto pé de banana prantado, lamento a morte dos nosso treis fio, um de sarampo, outro cum tosse de cachorro e o outro... Do que que foi memo o outro, Zé?

ZÉ – Banana verde. Mai a gente inda tem a Rosinha e Margarida, ô mininas esperta...

CHICA – Falá nas minina... Ô Rosinha! Margaria! Ota merda! Mai que demora...

ROSINHA E MARGARIDA – Já tamo ino, mãe!
CHICA – Rosinha, Margarida, si ocês num mi ajudá, num vai sai janta hoje.

ROSINHA – E vai tê janta hoje, mãe?

ZÉ – O di sempre. Paçoca de banana. Ô Chica, pruque ocê não pede pra tua mãe ajudar?

CHICA – Acho que a mãe não acordou ainda. Margarida vai acordar tua avó!

ROSINHA – Ô mãe, num tem um jeito da gente comê coisa diferente?

CHICA – Come merda que é a única coisa que nois tem além de banana.

MARGARIDA – Falar em merda a vó ta podre

(Sogra entra, todos se abanam por causa do mal cheiro)

CHICA – O que a senhora comeu mãe?

SOGRA – Banana!

ROSINHA – Mãe, vamo vortá pro sítio.

CHICA – Seu pai num qué.

MARGARIDA – Deixa o pai aí e vamo nóis.

ZÉ – Minina... Me arrespeita... Eu ainda sô seu pai...

ROSINHA – Ainda pur que? Vai dexá di sê argum dia?

ZÉ – Ô Chica, vô dá uns bofete nessa pequena.

CHICA – Ara, Zé, num tá veno que elas ainda é criança? Inda num são nem muié.

MARGARIDA – Só farta agora a mãe dizê que nois é homi!...

ZÉ – Tá veno?

CHICA – O homi?

ZÉ – Não. A Margarida!

CHICA – E Margarida já tem homi?

MARGARIDA – Eu não, mãe!

ROSINHA – Manhê! Pur que qui aqui na vila o pessoar chama a vizinha de Maria Leva-Ferro?

ZÉ – Ah, meu Deus! Tá veno só? A minina já tá aprendeno o que não deve...

CHICA – Num sei o que é que tem demais nisso... E num foi ocê memo que quis vim pra vila? Taí.

ZÉ – Ocê sabe muito bem que eu tenho vergonha desses assunto de muié.

CHICA – É que ocê num tá dibacho dos lençor, num é memo, Zé?

ROSINHA – Mais mãe... quié qui lençor tem a vê cum vergonha?

ZÉ – Margarida! Vai buscá logo a água. Rosinha você vai junto!

MARGARIDA – Mai já tem tanta água aqui, mãe.

ROSINHA – E essa hora tem um monte de homi pelado tomano banho na bica.

CHICA – E quar bica ocê tem ido?

ROSINHA – Aquela imbacho do Convento.

ZÉ – Puis vai na outra lá perto da Estação.

ROSINHA – Mais pai, tá iscuro.

CHICA – Intão vai cunversá ca vizinha...

ZÉ – Num vão preguntá nada prela!

ROSINHA – Pur que, pai?

ZÉ – Pur que não.

MARGARIDA – Mais nóis já tava contente, que iamos sabê pur que ela chama Maria Leva-Ferro.

ZÉ – Vai!... *(Seco)*

CHICA – Ocê num pricisa perdê a paciência cum a minina, Zé.

ZÉ – E que eu tô tão nervoso cum essa crise da banana... Ocê nem carcula...

CHICA – Mai Zé... Us argentino num tava comprano as banana toda dessa cidade?

ZÉ – Sei não. Mais a coisa anda braba. A istação tá cheia de banana pra levá pra Santus, lá pro porto...

CHICA – Vichi! Si madurá tudo a vila vai virá uma bananada. I num tem uma fábrica de bananada lá perto da istação? Pur que elis num compra tudo?

ZÉ – Já até cunversei cum ele. Mai ele já tem tanta da banana que num dá nem conta. É qui o homi é estrangero... Inteligente qui só....

CHICA – Ele é do estrangero?

ZÉ – E pricisa vê qui nome difíci di falá, o lugá donde veio. Demorei mai de meia hora pra acerta. Ele falô que é lá de Eugos... Acho que é Eugoslafa.

SOGRA – É Yogoslavia bicho burro!

CHICA – Credo! Qui nomi mais estranho. lxiste memo esse lugá?

ZÉ – Tudo mundo acredita, intão deve di existi.

CHICA – Zé, tô iscuitano um forfé... Ah, meu Deus... Rosinha!... Rosinha!

ROSINHA - Já tô entrano, mãe! Mãe! Pricisa di vê o forrobodó lá na praça! Tem gente dipindurado até na carcunda da instauta do Anchieta.

CHICA – Creio em Deus Pai, que pecado!

ZÉ – E parece que é confusão das grossa!

MARGARIDA – A Maria Leva-Ferro falô que é churrasco. Mãe, deixa eu í lá!

ROSINHA – É mãe, deixa...

ZÉ – Ó Chica, Nossa fia tem o mesmo sutaque do antigo vizinho? *(Sogra faz sinal de chifre, Chica disfarça)* Mai a gente nem sabi u qui é qui tá aconteceno...

ROSINHA – Mãe deve di tê carne de inxurrada!... A Maria falô que é o prefeito que dá dano...

CHICA – Mai eu tinha certeza que boa coisa num divia tá si assucedeno.
ZÉ – Pulítica. É pur isso qui eu num quiria vim pra cá. *(Indignado)*

MARGARIDA – Mãe deis di qui nóis saiu do sítio eu num como carne, mãe.

CHICA – E o chero já tá bateno aqui.

ZÉ – É mió a gente fechá as janela. *(Sogra peida)* Não, Chica abre a janela.

ROSINHA – Mai pur que churrasco é encrenca? Dá caganera?

MARGARIDA – A vó comeu churrasco?

ZÉ – Vino di quem vem, só pode dá nisso.

ROSINHA – Mai pai! É di graça! Ai! Ô mãe, fala pro pai dexá eu í lá...

ZÉ E CHICA – Não!

ROSINHA – Sai inté água da boca... Pensá im agarrá um ispeto daqueles que tá assanhano as minha bicha...

SOGRA DE ZÉ – *(Olha para Zé)* Bicha. *(Rindo)*

ZÉ – Óia aqui, minina: só comi carne quem vota e nóis tudo num vota.

CHICA – Tempão a genti num come uma carne. Zé, num tem um jeito di ingambelá eles tudo e ocê robá uns espeto pra nóis?

ZÉ – É bem capais di eu sê preso cumo ladrão.

SOGRA – Corintiano.

CHICA – Isconde drento da cirola, pai!

SOGRA – Nem tem nada ai dentro memo.

MARGARIDA – Eu num quero essa carne.

ZÉ – I eu ia mi sujá tudo...

CHICA – Lavo, tá limpo, Zé.

ZÉ – Não. Num tem café?
CHICA – Tem chá di istrada nessa lata. Di onti. Mai num tem doce.

ROSINHA – Sem doce é qui é um purgante! *(Peido)*... Mãe, esse chá tá cum gosto di banana.

CHICA – Puis umas casca di banana pra reforça. Tá bão?

ROSINHA – Uma bosta, mãe.

ZÉ – Num fala palavrão qui é muito feio, minina. Quando genti di bem fala num é nada, mai quando pobre qui nem nóis fala, é um Deus nos acuda, tudo mundo arrepara.

ROSINHA – Mai aqui num tem ninguém... Além das banana.

CHICA – Cum ninguém ô sem arguém, num é pra falá. E vai comê banana pra se aquietá.

ROSINHA – Mãe, i si eu pidí pra Maria Leva-Ferro í lá buscá?.

CHICA – É bem capais du pessoar mudá u nomi dela pra Maria Leva-Ispeto...

ROSINHA – É mai bunito qui Maria Leva-Ferro.

Passa a passeata

CHICA – Meu Jisuis Crucificado! Qui baruião é esse?

ROSINHA – Eu vô lá.

ZÉ – Num vai, não! Fica oiano daqui memo.

CHICA – Zé... Aquele homi di ropa branca qui é o prefeito?

ZÉ – Pareci. Vichi, Chica... ele tá tentano saí do meio do povaréu...

ROSINHA – Chama eli pra cá, mãe! Elis vão matá o perfeito.

CHICA – Chama eli, Zé!

ZÉ – I vamo dá u que pr'ele?

MARGARIDA – É memo... Nu meio di tanta da carne... Tá mai mió lá fora. Nois é que tamo na bosta.

CHICA – Tão fazeno peteca do homi, Zé!...
ZÉ – Qué sabê? Fecha essa janela, nói num tem nada cum isso. Nóis num vota.

ROSINHA – Vô sonhá cum churrasco essa noite!...

CHICA – Num vai mijá na cama qui ocê apanha.

ROSINHA – É só quando sonho cum banana, mãe!

CHICA – Vai logo, minina, mi ajuda aqui.

MARGARIDA – Mãe, tô pé cortado, num posso nem varrê...

CHICA – Ô Zé, dis qui tem um homi qui fais tamanco aqui na vila.

ROSINHA – Qui qui é tamanco, mãe?

ZÉ – É chinelo di pau. Coisa di purtugueis.

MARGARIDA – Mai mãe, num é purtugueis que é burro?

CHICA – Fossi burro num ia fazê tamanco....

ZÉ – I eu num cunhecí u homi onti? Mai mi parece qui eli é lá das Espanha...

CHICA – Puta merda! Ô terra pra dá estrangero! E pur que ocê num pidiu um tamanco?

ZÉ – Bem que a muié dele mi deu.

ROSINHA – I ondi tá, pai?

ZÉ – Caiu da ponte

CHICA – Mai o qui ocê tava fazeno pra lá da ponti?

ZÉ – I eu num fui pra lá prucurá trabaio?

CHICA – E arrumô?

ZÉ – Cansera!...

MARGARIDA – I pur que num catô, pai?

ZÉ – Fundô logo.
ROSINHA – Intão pedi outro!...

ZÉ – É bem capais deles pensá qui eu vendí o tamanco.

MARGARIDA – Ô pai!...

CHICA – I du jeito que essa minina é distrambelada ia acabá quebrano a perna memo.

ROSINHA – Mai aqui na vila tem lugar qui cunserta, mãe. Vai intão a sinhora, mãe!...

ZÉ – Num vai não!

CHICA – Pur que?

ZÉ – O homi é biscateiro que só!

ROSINHA – U qui qui é biscateiro, mãe?

CHICA – Tá veno o qui se fez?

ZÉ – Ela num iscuitô nada, né Rosinha?

MARGARIDA – Mai dicerto que iscuitei, pai! A Maria Leva-Ferro falô mesma coisa!

CHICA – Ô minha Nossa Sinhora! Zé, vamo vortá pru sítio!

ZÉ – I cum qui terra? Chica? I nóis ia fazê u que?

CHICA – Prantá banana!...

ROSINHA – Banana não, mãe!

CHICA – Nói num sabi fazê outra coisa!

ROSINHA – A gente cria um montão de galinha.

CHICA – I ondi a gente vai arrumá us ôvo si nóis num tem nem ôvo, nem galinha?

ZÉ – Já tem a mãe delas!

ROSINHA – Mai mãe! A Maria falô que lá praia tem ôvo di tartaruga! Será qui num vira galinha?

CHICA – Mi conta intão cumo é qui nóis vai choca os ôvo?

ZÉ – Nóis poin embaixo da vó... Melhor não.

ROSINHA – A sinhora num fala tuda noite qui os ôvo do pai tá chôco?

CHICA – Hoje memo vai durmí na cuzinha!

ROSINHA – Pur que, mãe?

CHICA – Tudu purque vinhemo pra vila!

Palmas.

ZÉ – Será que é a Maria?

ROSINHA - Num é não! Ela falô qui ela ia saí cu biscateiro dela, pai!

ZÉ – Cala a boca, minina, antis qui eu ti parto no meio.

ROSINHA – I aí eu vô sê duas?

CHICA – Quem será essa hora, Zé?

ROSINHA – Será qui num é o Coroné quereno qui nóis vorta pru sítiu?

CHICA – Vigi Marial... Vai lá vê, Zé! Ocê num é homi?

ZÉ – Sô, mai dexa eu ispiá primero pra vem que é!

SOGRA – Frocho *(Rindo)*

Sai Zé.

MARGARIDA – Mãe, o pai tá cum cagaço di í lá?

CHICA – Num tá veno qui eli já foi?

ROSINHA – Mai tremeno!

CHICA – Quem era Zé?

ZÉ – Um bêudo pidino cumida.

MARGARIDA – Pra nóis?
ZÉ – I eli já tava cum uma latinha cheia di carne cum terra.

ROSINHA – Vichi! Intão vamu lá catá tamém, pai! A mãe num falô qui lavô, tá limpo?

ZÉ – Só si a genti brigá cus cachorro qui tão tudo si atarracano. E além do mai, churrasco é só im dia qui u prefeito dá.

MARGARIDA – O prefeito devi di tê bastante vaca. Mãe! Si eli tem vaca, tem leite! Tem quejo, tem doce de leite...

Palmas.

ZÉ – Mai agora num é mais pussivi. Ô mardita hora qui vinhemo pra vila.

CHICA – Si fô u bêudo outra veis, roba as carne da lata dele, Zé!

ROSINHA – Então vô eu!...

ZÉ – Vorta aqui, minina, que o bêudo ti pega.

ROSINHA – *(Voltando)* Pai, é aquili homi di ropa branca.

CHICA – O prefeito?

MARGARIDA – Aqueli qui tava fugino do povaréu qui nem u diabo fogi da cruis.

CHICA – O prefeito?

Entram

ROSINHA – O sinhor qui é o prefeito?

CHICA – Rosinha, óia a vaca amarela....

ROSINHA – Onde, mãe?

ZÉ – Senta, seu prefeito!

CHICA – Mai Zé, dá a cadera pro homi prefeito.

PREFEITO – Não vou me delongar muito, minha senhora, vou ser breve.

CHICA – Aceita um chá, prefeito?
CHICA – Zé, prigunta si o prefeito qué chá.

PREFEITO – Um café, por favor, pra abater aquela carne gordurosa.

CHICA – Café vai fazê mai mar ainda, prefeito.

ZÉ – Lém do mai, di noiti fais perdê o sono.

PREFEITO – Os problemas dessa cidade é que me tiram o sono. É maleita, é gerador de energia que encrenca, é reforma do Convento, são tantos os problemas, que eu já estou pensando em entregar o cargo. Chá.

CHICA – Mai ele ainda num falô nada das banana...

ZÉ – Tá 'té pena!... Pareci qui eli tá pió qui nois!...

CHICA – Toma o chá, prefeito. É sem doce prá fazê mai bem pro sinhor. Muito doce num é bão.

PREFEITO – Ah, açúcar... E pensar que essa cidade produziu tanto açúcar...

ZÉ – É memo, prefeito?

PREFEITO – Isso foi nos tempos de Capitania. Agora...

CHICA – Só banana.

PREFEITO – Temos sorte de produzirmos banana.

ZÉ – Num tem coisa mió qui banana, né, prefeito?

PREFEITO – No momento estamos negociando com a Argentina a venda de mais três milhões de cachos.

ZÉ – I tem di sê logo que já tá tudo nu tempo di corti.

CHICA – I si madurá tudo, prefeito?

PREFEITO – Os porcos tirarão bom proveito.

ROSINHA – Ô pai!

ZÉ – Fica queta, minina!

MARGARIDA – Mai pai!...

PREFEITO – É vossa filha?

CHICA – Dos finado treis, foi a única qui restô.

PREFEITO – Ah, meus sentimentos... É uma hora dificil. Morreram aqui mesmo na cidade?

ZÉ – Foi lá nu sítio. Fio é sim mesmo, né, seu prefeito: quando a gente vê já tá duenti e num tem mai jeito.

PREFEITO – Melhor mesmo foi terem vindo para a cidade. Aqui existe mais recursos...

ROSINHA – Qui qui é recurso, mãe?

CHICA – Fica di boca fechada. Nóis tem visita importanti.

ROSINHA – Tá bão, mãe, num vô falá nada du churrasco.

PREFEITO – Ora, estiveram também no churrasco!...

MARGARIDA – Não. Nóis só ficô aqui cum água na boca veno o prefeito voá na mão do pessoar feito peteca di miio.

CHICA – Cruis credo, Rosinha!

ZÉ – Respeita a visita, minina!

MARGARIDA – Tá bão, pai. Fais di conta qui sô muda, qui nem o tar Juca Preto qui o Coronér mandô cortá a língua!...

PREFEITO – Mas que situação! Onde nós estamos? É revoltante o que me diz essa criança!...

CHICA – Ih, prefeito, dispoi qui esses tar gringo começaro a dexá di comprá banana, nóis só num vendeu os fio purque treis morreu e a Rosinha...

ROSINHA – Mãe... a sinhora ia vendê eu?

ZÉ – É u jeito di falá, Rosinha!.

ROSINHA – Tomara qui fiqui só no jeito...

ZÉ – Mai agora a genti tá na cidade...
PREFEITO – Pois é, seu Zé! ... Uma cidade bem administrada é um povo felizl...

ROSINHA – Feliz? Ai, mãe! Num tô entendeno merda nenhuma.

PREFEITO – Muito esperta, vossa filha, seu José!

ROSINHA – Já até troco o nomi do pai!... É Zé, seu prefeito. Mãe, aqui na cidade elis tamém fala errado?

CHICA – Vô mandá ocê ficá jueiada no mío, minina!

ROSINHA – Mai pai, eu queira falá só uma coisinha pro prefeito...

CHICA E ZÉ – Não!

CHICA – Vai varrê as casca di banana qui ocê jogô no chão!... Bem capais do prefeito iscurregá e caí.

MARGARIDA – Então levanta os pé, prefeito.

PREFEITO – Esse sotaque de vossa filha é carioca?

ZÉ – É sim seu prefeito, igual do nosso antigo vizinho.

CHICA – Os pé do prefeito, não, minina! Ocê é burra?l

ROSINHA – Mai é a única coisa qui tá chuja, mãe!... Tava boa a banana, prefeito?

PREFEITO – Não comí bananas, minha criança...

ROSINHA – Si o prefeito tá falano qui eu sô criança dele... Mãe, a sinhora já vendeu eu pro prefeito?

ZÉ – E o qui o prefeito ia fazê cum uma minina ispivitada qui nem ocê?

MARGARIDA – Num sei. Mai qui eu ia comê bastante da carne, eu ia!...

PREFEITO – Mas eu estou aqui para conversar com o senhor, seu José. Tem havido muita reclamação de moradores vizinhos sobre as cascas de banana que são jogadas na rua. Tudo na frente de sua casa, seu José.

CHICA – *(Assustada)* Será qui foi na casca di banana qui dona Bertina iscurregô i caiu?

ROSINHA – Mãe, onde nóis vai jogá as casca di banana, agora?

CHICA – As madura a gente interra e as verde...

ZÉ – Nóis guarda pra fazê chá...

PREFEITO – Sendo assim, seu José, venho trazer pro senhor a lei do município.

CHICA – Nossa!... Quanto paper!...

ZÉ – Nóis tem qui lê tudo isso, prefeito?

PREFEITO – Ler e cumprir.

ZÉ – Cumprí nois cumpre, prefeito. Mai lê...

CHICA – Mai lê intão pra nós, prefeito.

PREFEITO – *(Jogando papéis para cima)* Artigo 10°:É proibido lançar nas ruas, becos e praças, qualquer imundície que faça estrumural ou cousas corruptas.

Peido.

PREFEITO – 11°: É proibido vender-se por pesos e medidas que não estejam legalmente aferidos pelo padrão da Câmara.

PREFEITO – 12°: É proibido nesta Villa e bairros do Município lavagem de roupas e tomar banhos em tanques de água potável, ou neles lançarem objectos nocivos à salubridade e asseio dos dictos tanques.

CHICA – O que será qui ocê aprontô lá na bica, Rosinha?...

ROSINHA – É qui eu ví a água correno, mi deu uma vontadi di fezê xixi...

ZÉ – E feis?

ROSINHA – Fiz. Eu ia me mijá toda? Dispoi a mãe mi bate!...

CHICA – Ara... veja só!... qui Vida!...

ZÉ – E nóis qui pensava qui na Villa era mai mio!...

ROSINHA – Mãe, tô precizada di falá uma coisa!...
CHICA – Num mi amola!... Num tá veno qui tamo tratano di lei?

PREFEITO – Lei foi feita pra se cumprir. Seu José, Dona Francisca, tenham uma boa-noite. Tentem resolver esses problemas das cascas de bananas e... os outros mais.

Sai o prefeito, breve cumprimento. Atônitos.

ZÉ – Chica acho mió nóis arrumá nossas traia e pinicá a mula de vorta pro sítio!

CHICA – Zé, eu cunheço esse homi de argum lugá...

ROSINHA – Mãe era o que eu tava quereno...

ZÉ – Óia aqui, minina. Já serelepiô dimais essa noite. Vai durmí. Chica, si eu tô mi alembrano... esse prefeito num tá pareceno...

ROSINHA – O Coronér qui mandô os lacaio dele mandá nóis embora du sítio, pai!...
Assustam-se

CHICA – Mió nóis jogá as banana fora pra num chamá atenção, Zé.

ZÉ – Cê tem razão: nóis tem de dá um fim nas banana.

ROSINHA – E eu vô come o que, pai?

ZÉ – Nóis num pode dexá as casca pur aí!...

ROSINHA – Minhas banana, não! Eu como até a casca, pai!... As banana não!...

ZÉ – É a lei desse lugá!... Vamo jogá tudo fora.

ROSINHA – Vô morá ca Maria Leva-Ferro!...

CHICA – Vai nada, minina. Ocê ainda num sabi nem pur onde a galinha mija!...

ROSINHA – É memo. Mija pro donde?

CHICA – Tem que sê no quintar pra num chamá atenção do Coronér prefeito, Zé.

ROSINHA – Juro qui nunca mai quero vê banana na frente, só di reiva!...

ZÉ – Pronto! Ninguém mai vai incomodá a genti na Villa.

ROSINHA – Pai!... O prefeito dexô caí isso.

CHICA – Ara, é a cartera do prefeito, Zé!...

ZÉ – Agora sim é qui tamo danado!... Vai vim os capanga tudo atrais di nóis...

ROSINHA – Tá fácil qui o prefeito vai lembrá di tê dexado aqui!...

CHICA – Nóis tem é qui devorvê isso pro homi, Zé.

ZÉ – Chica!... Eu acho qui co dinhero qui tem aqui, nóis podi tê deis sítio iguar aquele nosso.

ROSINHA – O nosso sítio? Qui o tar Coronér comprô e pagô nóis cum dois cacho di banana?

CHICA – Mai será qui na hora qui ele comprô ele num isqueceu o dinhero, Zé? Vai vê eli ficô avechado e deu uma discurpa cos negóço da lei.

ZÉ – Só podi sê...

CHICA – Ara, Zé, mai qui homi bão qui é o prefeito!...

ZÉ – Vamo primero comprá o sítio do Furivár qui já tem tudo prantado.

CHICA – E si essi dinhero num dé?

ROSINHA – A genti paga ele cum banana!...

ZÉ – Mai banana é bão, num é memo, véia?

CHICA – Uma riqueza, Zé!.. *(Pega as coisas e sai)*

CONTO 3 - A "ISTAUTA" DA SANTA

JUVENAL – *(Parado feito estatua. Aos gritos fala)* Pessoar! Arruma tudo na porta do Convento porque hoje... ela vai chega!...

PEROLINA – Aurora!... Ô infeliz!... Acorda! ... Ela vai chega!...

AURORA – Ô Jurandira ! ... Vamo!... Ela vai chega!...

JURANDIRA – *(Acordando)* Ô Tonhão! Vai atrais da mula... Ela vai chega!

TONHAO – A mula pulou a cerca!... Trais o Cheroso! Se não, ela não vai chegar!...
CORO – Ela não vai chegar??????

JUVENAL – Vamo pra igreja isperá!...

Altar todos.

AURORA – Ela tem que chegar!... Vai logo busca esse burro!...

JURANDIRA – O Cheroso tá atrais da mula. Fugiu atrais da mardita.

JUVENAL – E ocê num viu?

AURORA – Nem farta sentiu?

JURANDIRA – Tava dormino.

AURORA – Tá com quebranto?

JUVENAL – Só pode sê mar-oiado!

PEROLINA – Acho mió benzê!

AURORA – O padre num gosta disso...

Todos para o altar.

JURANDIRA – Pois onti ele deu comunhão pra Chica Pelanca!

AURORA – Não!... Pra Chica Pelanca, não!

JURANDIRA – Sim!... Pra Chica Pelanca, sim!... Eu ví!

AURORA – Ah, essa sem-vergonha já tá me tirano o sono!...

JURANDIRA – E ainda dissi amém!...

PEROLINA – Isso tudo é ciúme por causa do Esfrega?

AURORA – Puis o Espáia Brasa falô que viu o Esfrega entrano na casa dela, onti, antes donte, antes dantes, donte...

PEROLINA – Vai dizê que ocê terminô o namoro?

AURORA – O namoro que tá terminano... Acho que num tem jeito! Tudo por causa daquela empenada! Bem que o Esfrega tava diferente comigo.

PEROLINA – Agora é que vai ficá pra tia!

AURORA – Ai, meu Deus, tia não!... Tenho horror di subrinho. Eles mi quebra os bibelô, eles fais cocô no chão e ainda chora e fala que foi a gente que bateu. Odeio subrinho!...

PEROLINA – Mai subrinho nenhum tira farinha comigo. Eu já prego o rebenque e pronto.

AURORA – Bem que eu tenho vontade. Mai na hora que eu vô batê sempre chega a mãe deles.

PEROLINA – Mai fáci pô vinho na mamadera e dá pra eles. Dormi qui nem anjinho!...

AURORA – Pirulina!... Assim ocê embebeda eles!

PEROLINA – O difici dispois é pará o soluço!

JUVENAL – *(Esta vendo na janela)* Ceis num sabi u quié qui tá aconteceno na praça. Tão mudano a coitada da istauta do Anchieta di lugar.

CORO – (*Todos para a janela)* Outra veis?????

JURANDIRA – Ai, cumu anda esse inocente!... Eu num gosto di mexê curn essas coisa. Nunca trais bom agoro.

JUVENAL – Vai mexê cum tá quéto!

JURANDIRA – Aposto qui vão pô ele no meio das pomba pra elas fazê tudo cocô nele! Ô bosta!

AURORA – Mai si Deus quisé, ela vai chegar...

Assustam-se.

CORO – *(Todos no altar)* Ela vai chegar???!!!!...

Saem correndo, voltam um a um com um adereço, arrumando um pequeno altar. Música.

PEROLINA – Agora tá pronto, ela pode chegá.

JURANDIRA – Mai i si ela num chegá?

JUVENAL – Mai dicerto qui vai chegá!... *(Empurrando o Tonhão mandando ele ir buscar)* O Tonhão vai lá buscá.

AURORA – É só o tempo dele pegá aquela mula manhosa.

JURANDIRA – Vai isperá a mula saí do cio?

PEROLINA – Pois vai isperá a vida toda... A mula parece mai a Chica Pelanca, num sai nunca do cio.

JUVENAL – Curpa do Tonhão!...

PEROLINA – Mai pur que curpa do Tonhão?

JURANDIRA – Ele se declarava pra mula todo dia, a mardita ficô Xônada.

AURORA – Ocês num vai acriditá!... Já mudaro outra veis!... *(Vai para o altar)*

CORO – O Anchieta?

AURORA – A vizinha da Pirulina.

PEROLINA – Graças à Deus! Bem feito, elis num vão vê ela chegá.

AURORA – E o delegado tá lá!..

PEROLINA – É purque o fio deles feis bestera ca Margarida.

AURORA – Ela era santai?

PEROLINA – De véu e tudo...

AURORA – Ela vai casá?

PEROLINA – O delegado é que vai resorvê.

AURORA – Tonhão, pur que ocê taí parado? Vai vê si ocê consegue pegá a mula.

TONHÃO – Mai o Cheroso num podi mi vê que eli corre atrais.

JUVENAL – Bem feito. Foi se declara pra muié dele!...

JURANDIRA – Si eli corrê atrais docê, ocê pega ele e trais. Discurpa di peidorrero é tosse...
JUVENAL – Intão vai logo qui dispois iscureci e ocê num vê nada.

TONHÃO – E eu vô tê que í suzinho?

AURORA – Vai logo, Tonhão!... E vê si vorta logo!... Eu acho qui ele tá é cum medo!...

JUVENAL – Tamém! Ocês num lembra do susto que o Gregório pregô nele?

PEROLINA – Ô judiaria!... Foi cocô pra tudo quanto é canto!...

JURANDIRA – Foi mai de meis pra saí o chero da sacristia.

AURORA – Foi até pecado!...

PEROLINA – Mai o Gregório tinha que cuchilá junto cum o Cristo-Morto?

JUVENAL – *(Suspense)* Eli iscuitô o Gregório roncano e pensô qui fossi a istauta do Cristo Morto roncano pra eli!...

JURANDIRA – Puis quasi que ele mata eu di tanta gritaria. Ele gritava di lá, eu gritava di cá, uma escuridão que só um breu...

JUVENAL – Num fossi eu abri a porta da sacristia...

JURANDIRA – Meu Deus do Céu!... Ocês num vai acriditá... Cabaro de dirrubá o coitado no chão...

PEROLINA – O Tonhão?

JURANDIRA – *(Correm para janela)* Não, o Achieta. Intortaro tudo o pescoço da istauta...

JUVENAL – *(Janela)* Agora sim é que tamo danado.

AURORA – Setes ano de vaca magra! Tuda veis qui mexe quesse coitado Nossa Sinhora manda chumbo grosso.

PEROLINA – Ah, seu eu fossi Nossa Sinhora!...

AURORA – ...torcia o “Imbigo” di quem teve a idéia di mudá o Anchieta di lugar.

PEROLINA – Eu num vejo a hora dela chegar...

AURORA – E o que ocê vai pidí pra ela quando chegá?
PEROLINA – Marido!...

AURORA – Ai, num mi fala em marido que lembro do Esfrega... chifrudo!...

PEROLINA – Mai o Esfrega é tão novo e já tem chifre?

AURORA – Num sô eu!... Tô falano da Chica Pelanca!...

PEROLINA – Mai fáci parti pra otro.

AURORA – Mai homi anda difici!...

JUVENAL – *(Atrás escondido sobrem e falam no meio das duas)* Fáci, fáci...

PEROLINA – Aqui na vila só os véio é que qué namorá.

AURORA – Ai, cambada de véio tarado. E ainda vem cas boca mucha: "não pricisa si preocupá, só vô lhi beijar!...

PEROLINA – E ocês, *(Aos homens)* vê si arruma mió esse altar qui nem sei o que é que tá pareceno.

JUVENAL – Nóis num tá iscuitano nada!...

AURORA – Mai o Tonhão já tá vortano!...

Corre-Corre.

CORO – Ela vai chegar!...
Vestida de branco, ela apareceu
Trazendo na cinta, as cori do céu.
Ave, ave, ave Maria
Ave, ave, ave Maria.

Entra Tonhão.

CORO – *(Triste)* E ela?

TONHÃO – Num veio.

AURORA – Ah, mai essa santa tá demorada dimais.

JURANDIRA – Parece até praga de padre.
JUVENAL – De mãe revoltada!

PEROLINA – Pai espancado.

AURORA – Madrinha carcunda!

JUVENAL – Assim oceis assusta a santa!...

PEROLINA – Até santo corre légua daqui!...

TONHÃO – E só vô fala uma veis: prendero o artesão e eli já foi-si embora pra Bahia.

Calados. Correm para cima do Tonhão.

JURANDIRA – Mai ela tava lá?

TONHÃO – Tava.

JURANDIRA – E pur que num troxe?

TONHÃO – Eu num sabia quar que era!... Tinha santa di tudo que é jeito!...

AURORA – Óia aqui! Eu já tô cheia!... Vorta lá!

PEROLINA – Ah, tamo pricisano di homi...

Apresentam-se os homens um atrás do outro em fila.

PEROLINA – Pra ajudá o Tonhão buscá a santa...

JUVENAL – Eu tenho di martelá um prego. *(Fingi que vai martelar)*

TONHÃO – Eu tamém tenho di martelá um prego.

JUVENAL – Só tem um martelo.

PEROLINA – *(Puxando Tonhão)* Tonhão, ocê tem qui oiá direito. A Nossa Sinhora da Conceição ela tá com um monte di anjinho nus pé.

AURORA – Di vistido voano...

PEROLINA – Cas mãozinha assim...

AURORA – Pareci até qui eu tô veno ela chegano...

Iniciam uma cantoria.

CORO - Vestida de branco ela apareceu
Trazeno na cinta as cori do céu.
Ave, Ave, Ave Maria...
Ave, Ave, Ave Maria...

Perolina interrompe com um soluço. Todos no meio.

PEROLINA – Num canta antis da hora que eu choro.

AURORA – Já mi fais até chorá...

PEROLINA – Vai logo, istrume!... E num mi vorta sem a santa.

Sai Tonhão, reclamando.

JUVENAL – *(Janela)* Pensano bem, pur que a Nossa Sinhora da Conceição num tem fio?

JURANDIRA – Juvenar, oce num feis a primera comunhão?

JUVENAL – Só a sigunda.

JURANDIRA – É que ela inda num teve fio. Juvenar! Dá uma oiada na praça. Vê si já consertaro o pescoço da istauta.

JUVENAL – *(Olhando)* Num sei si é o pescoço, mai parece que tão tentano... Ih!... Tão pono o beato sem pescoço bem lá na frente da cadeia.

AURORA – Mai será que agora vão levá o coitado pra cadeia? Quem divia tá preso, num vai.

PEROLINA – Si fô jogá tudo mundo que merece na cadeia, num ia tê lugá aqui na Villa.

AURORA – Ah, eu punha na cadeia até as madame izibida que vai im comício político só pra si aparecê.

PEROLINA – Tamém!... Elas tem qui izibí o belo par di chifre!

JURANDIRA – Dessa veis já é dimais. Eu vô lá imbaxo i vô pregá a mão naqueli povo. Óia o qui tão fazeno co coitado!... Tão devorveno ele tudo quebrado pro lugá ondi tava... Ê povo mitido.

JUVENAL – É mais sete ano de vaca magra.

AURORA – Uns catorze, no mínimo.

JURANDIRA – Já tão levano eli outra veis pra frente da cadeia...

AURORA – …vinte e um...

JURANDIRA – Ai, num sei pur que a genti tem pulítico na Villa.

JUVENAL – Mai é elis memo qui tão mudano o coitado!...

JURANDIRA – Daqui poquinho eli já tá feito caco...

AURORA – *(Todos coreografia)* Qui nem elis fais com nóis: joga a gente pra lá, muda as coisa di lugá, arranca o pescoço da genti...

PEROLINA – Só pra si aparecê!... Essa Villa é cheia di bisurdo!

AURORA – Nem pricisa mintí pra ficá rico.

JURANDIRA – É só iscondê a verdadi.

AURORA – Eles dá uma coisa duma mão e tira c'a otra.

JURANDIRA – Tira a nossa paciênça, tira o nosso sono... Ai, mi arrependo di tê votado naquele mardito.

JUVENAL – Mai ocê ainda lembra em quem ocê votô?

JURANDIRA – E cumo posso dexá di lembrá? O mardito nem mi pagô ainda os dia qui trabaiei pra dá paper di casa im casa.

JUVENAL – E o qui é qui tinha nesses papér?

JURANDIRA – Num deu tempo di vê.

JUVENAL – Mai o que ocê feis com os papér do homi?

JURANDIRA – Antis num tivesse feito. Ai, qui mi deu uma dor di barriga qui nem di casa pudi saí.

JUVENAL – E ocê limpô coms os papér do homi?

JURANDIRA – Antis num tivesse limpado. Fiquei mais di semana sem podè sentá.

JUVENAL – Pro cê vê, nem papér di pulítico presta.

JURANDIRA – Só di reiva eu ainda passava cum força: "Ó pr'ocê, cara di tacho!"

Se viram para atrás das duas.

PEROLINA – E o otro qui me deu uma dentadura?

AURORA – Mai ocê é banguela?

PEROLINA – Claro que não!... Mai eu peguei assim memo. E num votei no mardito!...

AURORA – Pirulina!... Ocê num tem vergonha?

JUVENAL – Nois precisa reza pra elis indireitá...

JURANDIRA – Eu é que num perco tempo cum coisa ruim, num gasto vela pra difunto qui a arma já ta no inferno. Pulítico, quanto mai longe, mio...

JUVENAL – Credo, Jurandira . Eu já vi tanto delis aqui, junto de nois, rezano!...

JURANDIRA – ocê num vê a disgrama qui nois tamo? Pulítico é mau agoro. Quando Deus feis o mundo, pois a genti dum lado e os pulítico do outro.

AURORA – Pois é! Num vê o cuitado do beato Anchieta? Ranjaro até um pisdonimi pra ele: istauta-que-anda!

JUVENAL – *(Indo pro altar)* Tô ficano agoniado. Onde será qui o Tonhão si meteu? Dá uma oiada lá!...

AURORA – Si é qui eli consiguiu pegá a mula...

PEROLINA – Êta apaixono o coitado!

JURANDIRA – Num vô nem falá!... *(Pausa)* Mai si eu num falá vai ml dá um infarti. Tão imendano o pescoço do coitado.

CORO – Do Tonhão?

JURANDIRA – Não, do Anchieta. Óia lá, já cansaro de tanto levá o coitado pra lá e pra cá, e tão tudo saino di fininho... Óia, pusero ele intortado balangano. Quarqué pomba qui sentá nele, ele cai.
PEROLINA – Ocê tem qui tomá providença!...

JURANDIRA – Eu vô falá co prefeito! Vô falá co juiz!...

PEROLINA – Vai dá parti na delegacia!...

JURANDIRA – O difíci vai sê prendê o delegado. Óia lá, ele no meio...

AURORA – Eu já tô ficano cos nervo na flor da peli! Ô Tonhão sem vergonha, o que é que eli devi tá fazeno que num chegô até agora!... Já tá quasi iscureceno...

JURANDIRA – Tá mi dano agoniação.

JUVENAL – Quero vê cum qui é qui elis vão mexê agora!...

Pausa. Entreolham-se.

PEROLINA – Ô meu São Jorgi, será qui agora vão pegá a Santa?

Core-corre. Platéia. Voltam cabisbaixos.

JURANDIRA – *(Todos no altar desmontando)* Si meu zóio num mi engana, tá subino um cordão di genti.

AURORA – Só podi tá trazeno o Anchieta pra guardá aqui.

JUVENAL – Os caquinho dele?

JURANDIRA – Não!... Ceis tão veno o qui eu tô veno?...

PEROLINA – Não!... Oiá pro Anchieta já mi incheu o saco!

JUVENAL – Vamo isperá amanhã.

JURANDIRA – Ceis num tão veno? *(Embasbacado)*

PEROLINA – Eu num quero vê é mai nada!... Ô dia perdido!...

AURORA – Si Irmã Carulina mi enchê o saco pur causa dessa Santa, eu vô dá um nó na ropa dela.

JUVENAL – I é bem capais do padre achá qui nóis num feis nada.

JURANDIRA – Ocês num podi tá veno...

PEROLINA – Pra que nois qué vê essa istauta subino? Num é velório...

**JURANDIRA – ** Ocês num vão acriditá...

JUVENAL – Nem priciso vê. Já criditei.

**JURANDIRA – ** Ela vai chegar!...

AURORA – Só amanhã.

**JURANDIRA – ** Hoje!...

JUVENAL – Amanhã...

**JURANDIRA – ** Gorinha memo... É o Tonhão qui tá chegano... Ela vai chegar...

CORO – Ela vai chegá?

Corre-corre para enxergar a Santa. Comelam a cantoria. Andor chegando. *Juvenal e Jurandira pegam a Santa e colocam no altar*.

CORO – Vestida de branco, ela apareceu
Trazendo na cinta, as cori do céu.
Ave, ave, ave Maria
Ave, ave, ave Maria.

Um a um vão cessando as vozes conforme a Santa vai se aproximando. Congelam embasbacados. Olhares de conformismo. Sem graças, reiniciam, desconcertados, o canto.

Narrador 1 – E agora tamo ino
Sem delonga mais
Mais inda quero pedi licença
Pr'umas coisas proceis fala

Narrador 2 – Sobre alegreia de uma gente
Gente de um belo lugá
Que imagine sunseis
Pra quem quisé sabe

Narrador 1 – Do povo desse lugá
Si um dia ???
Maculelê boitatá
Caipora, capoeira

Saci e boi-bumbá

Narrador 2 – Vai se difíci imagina
Essa gente sem sambá,
Sem fandango, sem catira,
Congada, frevo, maracatu,
O reisado e outras festas de arraia,

Narrador 1 – O Divino e tantos outro mais,
O que sobra, minha gente?
As moda dos outro
Infiada guela abaxo?
Narrador 2 – Um monte de nada
Pra faze a gente compra de tudo.
E daí mi prigunte: "Quem é sunsê? De onde vem?"

Narrador 1 – E da minha terra que quero dize,
Minha cultura mostra quem sô,
E meu modo agi e pensá
Ela é minha cartera de indentidade,

Narrador 1 e 2 – Meu sinômino de liberdade...